

## **Descolonizando Narrativas de Gênero na América Latina: Subsídios para um Estado da arte**

Bárbara Oliveira de Moraes

### **RESUMO ESTRUTURADO**

**Introdução/Problematização:** compreender a influência do eurocentrismo e a matriz de colonialidade do conhecimento, do poder e do ser nos estudos de gênero é crucial para analisar como as estruturas de poder colonial afetam a Administração.

**Objetivo/proposta:** i) compreender como a discussão sobre gênero em uma perspectiva decolonial vem se fortalecendo nos últimos anos nas diversas áreas do conhecimento; ii) identificar de forma interdisciplinar como outras pesquisas podem contribuir para os avanços em pesquisas em administração visando romper com a (re)produção de estereótipos de gênero e saberes coloniais na formação e prática em administração/gestão.

**Procedimentos Metodológicos (caso aplicável):** a pesquisa consiste em um Estado da Arte, através do mapeamento da produção acadêmica, especificamente de artigos científicos publicados nos últimos dez anos (2013 a 2023), disponíveis em três bases de dados internacionais relevantes: *Scielo*, *Scopus* e *Web of Science*.

**Principais Resultados:** em um total de 219 artigos, 26 foram selecionados. Observou-se que o maior volume das publicações se concentra no ano de 2020, representando 30% do total. Sobre a autoria dos trabalhos, 15 artigos são de autoria brasileira, incluindo 1 publicação masculina; 3 artigos da Colômbia; 1 do Equador; 4 da Espanha, com uma publicação masculina; 1 do México e 1 do Uruguai. As publicações são majoritariamente femininas, correspondendo a 92% das autorias, predomínio que ressalta a significativa contribuição e participação das mulheres para o avanço das discussões.

**Considerações Finais/Conclusão:** observou-se a diversidade das análises, presentes nas diferentes pesquisas que compõem a temática, em que as discussões sobre feminismos, questões de gênero, raça/etnia, interseccionalidade e colonialidade proporcionam uma visão abrangente e crítica das realidades vivenciadas pelas mulheres na América Latina. Como pesquisadoras e pesquisadores, somos chamados a ir além de visões restritas e opressoras, criando espaços de diálogo e colaboração para a construção conjunta de conhecimento.

**Contribuições do Trabalho:** ao reunir os principais resultados de pesquisas que trazem perspectivas decoloniais na América Latina em estudos relacionados à temática de gênero, contribui-se para fomentar a ampliação das discussões na área de Administração e áreas correlatas, principalmente por demonstrar o entrelaçamento de gênero com outras categorias, como raça e classe, que são elementos cruciais para entender as complexas dinâmicas de poder, tão presentes nas organizações e na sociedade.

**Palavras-Chave:** gênero, decolonialidade, América Latina.

## 1. Introdução

Este trabalho apresenta um Estado da Arte cujo objetivo é reunir os principais resultados provenientes de pesquisas sobre perspectivas decoloniais na América Latina relacionadas às narrativas de gênero, visando compreender como podemos avançar nesse campo do saber de forma interdisciplinar. A pesquisa consiste no mapeamento da produção acadêmica, especificamente de artigos científicos publicados nos últimos dez anos (2013 a 2023), disponíveis em três bases de dados internacionais relevantes: *Scielo*, *Scopus* e *Web of Science*, acessíveis através do Portal de Periódicos da CAPES. A pesquisa do Estado da Arte vai além da compilação de textos e sinopses, pois busca construir um subcampo de conhecimento.

Nesse contexto, como questões norteadoras, a pesquisa buscou investigar: como romper com a (re)produção de estereótipos de gênero e saberes coloniais na formação e prática em administração/gestão, através de pesquisas de outras áreas?; e, como as pesquisas relacionadas a gênero tem sido publicada na América Latina?. Longe de ser exaustivo, a pesquisa visou demonstrar como o movimento decolonial representa um desafio tanto epistêmico quanto político, visando resistir à hegemonia eurocêntrica na epistemologia que sustenta a estrutura de poder na sociedade global moderna/colonial (Mignolo, 2008).

Diante da problemática, como objetivos específicos, visou-se: i) compreender como a discussão sobre gênero em uma perspectiva decolonial vem se fortalecendo nos últimos anos nas diversas áreas do conhecimento; ii) identificar de forma interdisciplinar como outras pesquisas podem contribuir para os avanços em pesquisas em administração visando romper com a (re)produção de estereótipos de gênero e saberes coloniais na formação e prática em administração/gestão.

No campo da Administração, Abdalla e Faria (2017) argumentam que as contribuições da decolonialidade devem transcender a mera revisão de ideias preexistentes. Em vez disso, devem promover avanços na pesquisa, no ensino e na prática na área de administração/gestão, com foco na diversidade cultural, no engajamento crítico e na superação das dinâmicas de colonialidade. Assim, para transcender as fronteiras disciplinares, justifica-se a realização deste trabalho, pela possibilidade de fornecer ao leitor, assim como aos interessados na temática, pistas sobre a produção acadêmica recente no campo de gênero, permitindo a identificação das principais dimensões exploradas nas pesquisas não apenas na área de administração e gestão, mas também em áreas afins, com a intenção de promover a construção de coalizões entre diferentes perspectivas e áreas de conhecimentos.

## 2. O Movimento Decolonial e os Estudos de Gênero: Desafios e Possibilidades na Administração

Os processos de colonização e suas consequências, são o que Abdalla e Faria (2017) enfatizaram como o processo que o eurocentrismo tem historicamente dominado e subjugado os conhecimentos e práticas decoloniais, através de mecanismos como extermínio, apropriação e subalternização, todos relacionados à matriz de colonialidade do conhecimento, do poder e do ser. Historicamente, a colonização não apenas ampliou as fronteiras materiais, políticas, econômicas e simbólicas do continente europeu, mas também perpetuou a dominação, a repressão, a invisibilização e a violência contra outros povos e culturas. Os estudos decoloniais emergem no contexto acadêmico como movimentos tanto epistemológicos quanto políticos, buscando enfrentar as complexas dinâmicas de dominação e opressão que se manifestam na

relação antagônica e hierárquica entre colonizador e colonizado (Mignolo, 2008; Quijano, 2014).

Dessa forma, compreender a influência do eurocentrismo e a matriz de colonialidade do conhecimento, do poder e do ser nos estudos de gênero é crucial para analisar como as estruturas de poder colonial continuam a afetar a Administração e outros campos acadêmicos que se interrelacionam. Na pesquisa de Serva (2017), foi ressaltado que a crítica contra o colonialismo abriu espaços para novas construções teóricas originadas da cooperação Sul-Sul implicando em formulações epistemológicas compatíveis com os posicionamentos políticos pregados por essa corrente. Sendo assim, o movimento decolonial e os estudos de gênero têm um papel fundamental ao desafiar essas estruturas opressivas ao abrir espaço para uma análise mais crítica.

Para Gomes (2018), uma análise de gênero mais eficaz deve considerar a interseção entre gênero e outras categorias, como raça, para compreender completamente as complexidades das relações de poder e identidades de gênero, e, assim, desafiar as normas de gênero que podem ser produtos da colonialidade e da modernidade, tal que:

o gênero pode ser uma forma de colonialidade e pode produzir discursos que escondem a multiplicidade da vivência das relações fora do sistema mundo da colonial modernidade. Sustento ser o gênero uma categoria de análise capaz de desestabilizar o que é ser homem ou ser mulher apenas quando percebido não como uma categoria primária, secundarizando a raça, mas como categoria junto a ela produzida (Gomes, 2018, p. 65).

Portanto, a autora argumenta que, para desafiar e desestabilizar as normas de gênero impostas, é essencial considerar o gênero não apenas como uma categoria isolada, mas como uma categoria que está interligada e produzida em conjunto com outras categorias, como raça e classe, enfatizando a necessidade de não relegar a raça a uma posição secundária em relação ao gênero, mas sim de reconhecer a interseccionalidade, ou seja, como diferentes formas de opressão e identidades se entrelaçam e se influenciam mutuamente (Gomes, 2018).

No contexto do capitalismo colonial-moderno, iniciado em 1492, a ideia de raça foi utilizada para criar identidades sociais, como "índio", "negro" e "mestiço", tendo como base as características que produzem diferenças biológicas. A raça foi usada para justificar a hierarquia entre conquistadores e conquistados, legitimando relações de dominação estabelecidas durante a colonização, resultando na destinação de negros, índios e mestiços à servidão e à escravidão, enquanto os brancos europeus ocuparam posições e empregos de prestígio (Quijano, 2014).

No campo da psicologia, por exemplo, Santos (2018) trouxe para o centro do debate a desobediência epistêmica como necessária à crítica feminista, compreendendo-a como parte indissociável das relações raciais, étnicas, econômicas e epistêmicas. A desobediência epistêmica em administração foi uma postura já ressaltada em estudos de Abdalla e Faria (2015), que ressaltaram a necessidade de engajamento com epistemologias alternativas ao quadro de disfuncionalidade geo-epistêmica que o campo de administração possui, "caracterizada pela continua imposição do conhecimento euro-norte-americano como universal e a correspondente subalternização de saberes pluriversais" (Abdalla; Faria, 2015, p. 1).

Machado; Costa; Dutra (2018), discutiram algumas das contribuições epistemológicas do feminismo decolonial para os estudos de gênero, tendo como foco o conceito de interseccionalidade. Para Constanzi e Mesquita (2021), a interseccionalidade possui enfrentamentos distintos e precisa ser pensada em um contexto de relações sociais que foram socialmente construídas, considerando as dimensões materiais da subordinação, uma vez que

“a negação sobre a interseccionalidade entre as desigualdades sociais brasileiras e as relações sociais discriminatórias é uma das estratégias centrais do dispositivo da racialidade” (Constanzi; Mesquita, 2021, p. 125). Nesse sentido, a relevância da abordagem interseccional para entender as complexas interconexões entre diferentes formas de opressão e identidades sociais possui um impacto significativo em diversas áreas (Zanola, 2023).

Visando se “reconectar com a crítica ao conceito e à prática da diversidade presentes no campo da Administração” e “ancorados em referenciais teóricos sistematizados a partir das práticas e dos conhecimentos dos movimentos sociais (interseccionalidade, transversalidade e decolonialidade)”, autores como Teixeira *et al.*, (2021, p. 1), apresentaram uma agenda de transformações para as práticas sobre diversidade no campo da administração, demonstrando que:

A construção de mediações entre decolonialidade e interseccionalidade oferece-nos bases robustas para a reflexão. Decolonizar é, em grande medida, reconhecer a intersecção sobre formas de desigualdades e construir caminhos para que os sujeitos e comunidades que vivem à margem estejam no centro de um projeto emancipatório. A interseccionalidade, por sua vez, torna-se mais potente à medida que se descoloniza (Teixeira *et al.*, 2021, p. 7).

Portanto, concordando com Teixeira *et al.*, (2021), e como uma forma de contribuir para os avanços de pesquisas e discussões na academia acerca da decolonialidade e interseccionalidade, se assumiu nesse Estado da arte o compromisso de romper com as barreiras teóricas que inviabilizam a temática de gênero na América Latina, principalmente na Administração e Estudos Organizacionais, desde a seleção dos trabalhos, como será exposto na seção a seguir.

### 3. Caminhos metodológicos para a construção do estado da Arte

Nas discussões sobre o Estado da Arte, é comum que os pesquisadores precisem tomar decisões cruciais sobre como realizar o mapeamento da temática, selecionar fontes e determinar o tratamento do corpus que constituirá a pesquisa. Além disso, cabe ainda, a escolha do recorte temporal e as fontes para que a coleta de dados seja realizada (Romanowski; Ens, 2006). Acerca da base de dados foram eleitas como relevantes três bases de dados internacionais: *Scielo*, *Scopus* e *Web of Science*, acessíveis através do Portal de Periódicos da CAPES. A busca e a avaliação de qualidade dos trabalhos ocorreram entre 16 de junho e 7 de julho de 2023. Para apoio metodológico a ferramenta Parsifal foi utilizada na condução da coleta de dados e o protocolo PRISMA foi utilizado para auxiliar na seleção dos trabalhos.

Para busca dos trabalhos, as *strings* utilizadas foram (gênero AND decolonial OR "pós-colonial" OR decolonial AND "América Latina"), devendo pesquisar os termos no título, resumo ou palavras-chave. Os critérios de inclusão utilizados consistiram em selecionar artigos com resumo e texto completo em português ou espanhol, disponíveis on-line e de forma gratuita, estudos dentro do tema, publicados nos últimos dez anos (2013-2023), revisados por pares e com título adequado. Não selecionar artigos em inglês se refere à resistência ao imperialismo linguístico, que associado ao uso da língua inglesa remonta a uma das formas de colonialidade ainda presente na academia.

Os critérios de exclusão consistiram em descartar artigos em *preprint*, artigos inacessíveis, estudo fora do escopo, estudos anteriores a 2013, estudos duplicados, estudos em qualquer idioma que não seja português e espanhol, literatura cinza (relatórios, teses,

dissertações e monografias), com resumo insuficiente ou inexistente, trabalhos no formato *short paper* com 4 páginas ou menos, tipo de estudo inadequado, assim como publicação em livros e e-books.

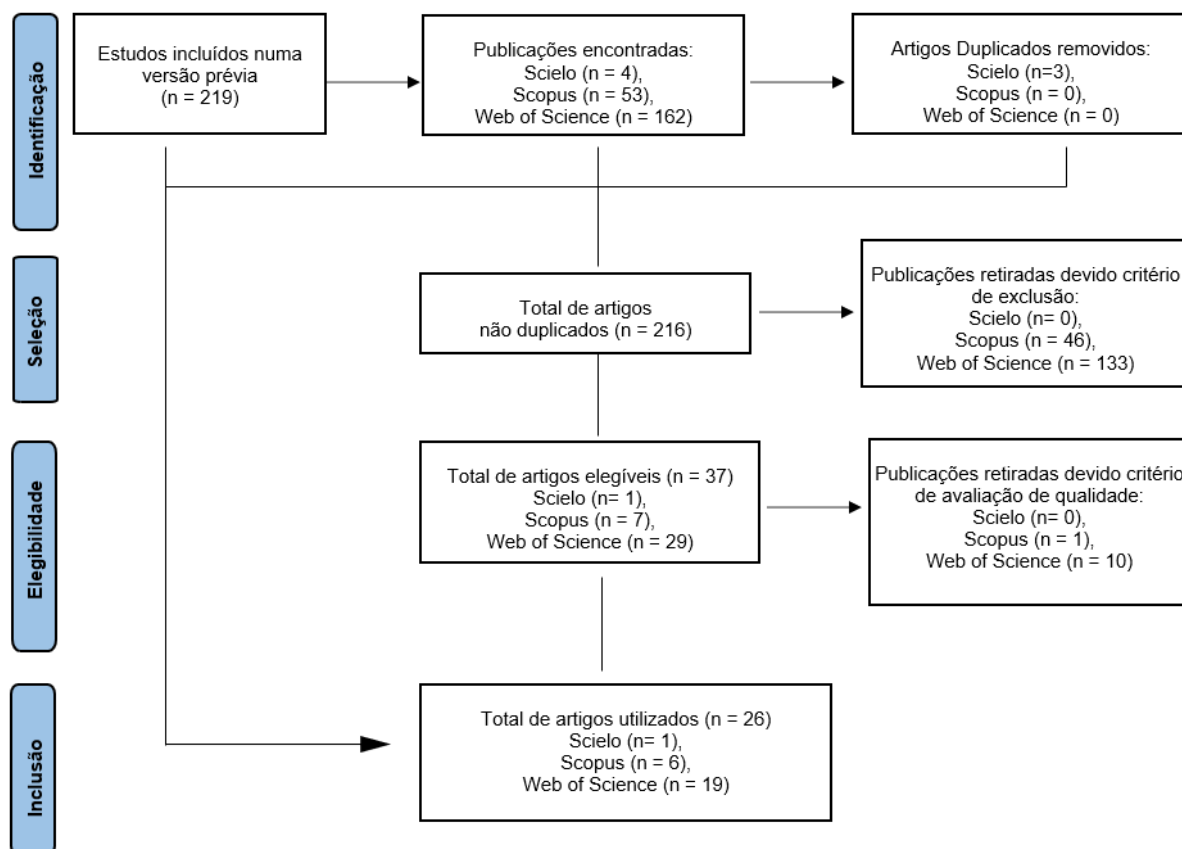


Figura 1. Fluxograma com as etapas baseadas no protocolo PRISMA.

Fonte: Dados da pesquisa

A partir das estratégias de busca, somando as três bases, foram encontrados 219 artigos. Destes, foram descartados 3 trabalhos duplicados disponibilizados na base da *Scielo*. Após a exclusão dos artigos duplicados, foram verificados os demais 216 artigos identificando através do título, resumo e palavras-chave seu aceite ou rejeição conforme os critérios de inclusão e exclusão. A maior parte das rejeições, totalizando 133 artigos, foi de trabalhos publicados na *Web of Science*, o que pode ser atribuído à maior quantidade de publicações encontradas nesta fonte (162 artigos no total), seguida pela *Scopus* com 53 artigos, mas com 46 trabalhos rejeitados.

No que se refere aos artigos que compõe a pesquisa, em um total de 26 artigos elegíveis, observou-se que o maior volume das publicações se concentra no ano de 2020, representando 30% do total. No que concerne sobre a autoria dos trabalhos, observa-se a seguinte distribuição: 15 artigos são de autoria brasileira, incluindo 1 publicação masculina; 3 artigos da Colômbia; 1 do Equador; 4 da Espanha, com uma publicação masculina; 1 do México e 1 do Uruguai. As publicações são majoritariamente femininas, correspondendo a 92% das autorias. E esse predomínio de autoras ressalta a significativa contribuição e participação das mulheres no âmbito das investigações acadêmicas, especialmente na abordagem dos temas relacionados ao estudo em questão.

Quadro 1. Relação dos trabalhos selecionados.

Título	Autoria	Periódico	Ano
Feminismos afro na América Latina e no Caribe, tradições dissidentes: do pensamento anticolonial à defesa da terra	Gonzalez Ortuno, G.	INVESTIGACIONES FEMINISTAS	2018
Constituição e feminismo entre gênero, raça e lei: as possibilidades de uma hermenêutica constitucional antiessencialista e decolonial.	Gomes, C. de M.	REVISTA HISTÓRIA - DEBATES E TENDÊNCIAS	2018
Perspectiva de gênero nas carreiras de Ciências Sociais e Geografia em quatro universidades públicas da Colômbia.	Patino Gomez, Z. L.; Naranjo Villa, L.; Serna Felipe, M.	PERSPECTIVA GEOGRAFICA	2018
A disseminação das abordagens feministas como pesquisa nas Artes Cênicas e sua contribuição para a criação de ações institucionais disruptivas	Fischer, S.	URDIMENTO-REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CENICAS	2018
Conhecimento Situado e Pesquisa-Ação como Metodologias Feministas e Decoloniais: Um Estudo Bibliométrico	Selister-Gomes, M.; Quatrin-Casarin, E.; Duarte, G.	REVISTA CS EN CIENCIAS SOCIALES	2019
Epistemologia decolonial, negra e feminista insubmissa	Figueiredo, A.	TEMPO E ARGUMENTO	2020
Alteridade fantasiada, vozes inaudíveis. Notas para uma crítica da colonialidade do desejo	Polo Blanco, J.	REVISTA DE FILOSOFIA AURORA	2020
Feminismos e Gênero nos Estudos Internacionais	De Lima Grecco, G.	RELACIONES INTERNACIONALES-MADRID	2020
Gênero na perspectiva decolonial: revisão integrativa no cenário latino-americano	Dimenstein, M.; De Nascimento e Silva, G.; Dantas, C.; Macedo, J.P.; Leite, J.F.; Filho, A.A.	Revista Estudos Feministas	2020
Relações Internacionais a partir dos feminismos decoloniais. Uma abordagem dialógica para uma economia feminista decolonial	Pizarro Gomez, S.	RELACIONES INTERNACIONALES-MADRID	2020
Questões relacionadas à raça na luta contra a violência de gênero: Processos de subalternidade relacionados à Lei Maria da Penha	Bernardes, M. N.	REVISTA DIREITO GV	2020
Raça, Gênero e Colonialidade: Interpelações Epistemológicas na Produção Criminológica Crítica Brasileira	Ribeiro Junior, H.; Rosa, R. M.	QUAESTIO IURIS	2020
Pensamento Decolonial Feminista do Sul: Uma experiência de educação popular baseada nas narrativas das mulheres camponesas	Da Silva, M. A.	ECCOS-REVISTA CIENTIFICA	2020
O Movimento Feminista e das Mulheres na Argentina: Perspectivas Pós-Coloniais e Socialistas	Aguiar, D.; Rojas, G.	REVISTA CRITICA DE CIENCIAS SOCIAIS	2020



{Caminhos para um feminismo decolonial}	Ferrara, J. A.; Carrizo, S. L.	{Cadernos Pagu}	2021
Colonialidade e decolonialidade na crítica ao racismo e às violações: refletindo sobre os desafios na educação em direitos humanos	Silveira, J. I.; Nascimento, S. L.; Zalembessa, S.	EDUCAR EM REVISTA	2021
Da história das mulheres às perspectivas contra-coloniais? Reflexões sobre a historiografia de gênero no Brasil (2001-2019)	Crescencio, C. L.; Ferreira, G. de S.	ESTUDOS IBERO-AMERICANOS	2021
A sociedade matrilinear Asante: gênero, poder e representações sociais	Arboleda Hurtado, N.K.; Arbelaez Franco, V.	REVISTA COLOMBIANA DE SOCIOLOGIA	2021
As Contribuições dos Feminismos Decoloniais e Latino-americanos	Mercedes Oyhantcabal, L.	ANDULI	2021
A dimensão global das políticas públicas de gênero e saúde na América Latina: Uma análise decolonial	López, L.C.; Sito, L.R.S.; Borrero-Ramírez, Y.E.	Civitas	2021
Imposição colonial e estupro conjugal: uma leitura das dinâmicas de poder no contexto familiar	Zaia Borges, R. M.; Santana, J. C.	DIREITO E PRAXIS	2022
Diálogos sobre Feminismos, Ambientalismo e Racismo a partir das Geografias Feministas Latino-americanas	Ulloa, A.; Zaragocin, S.	Documents d'Analisi Geografica	2022
Pensamento pós-colonial, gênero e poder na teoria de Maria Lugones: multiplicidade ontológica e multiculturalismo	De Carvalho, G. P.	TRANS-FORM-ACAO	2022
Mundos em Trânsito em Direção a María Lugones	Bidaseca, K.; Guimarães Costa, M.A.	Revista Estudos Feministas	2022
Mulheres de Favelas e (O Outro) Feminismo Popular	Nunes, N.R.D.A.; Veillette, A.M.	Revista Estudos Feministas	2022
Mulheres de Cor no Palco. Ativismo Curatorial e Feminismo Decolonial em duas propostas de Artes Contemporâneas na América Latina	Díaz Mattei, A.	Revista 180	2022

Fonte: Dados da pesquisa

#### 4. O que as pesquisas nos contam?

Ainda que timidamente foi possível observar duas publicações de autoria masculina. O primeiro trabalho intitulado “*Alteridade fantasiada, vozes inaudíveis. Notas para uma crítica da colonialidade do desejo*” publicado no ano de 2020, na Revista de Filosofia Aurora, traz uma discussão que aborda temas relacionados à dominação, racialização da sexualidade e sexualização da raça. O autor, de origem espanhola, explorou ao longo do trabalho as noções de “alterações fantasiadas” e “colonialidade do desejo”, descrevendo processos de dominação específicos relacionados à interseção entre raça e sexualidade. Ao abordar esses conceitos, há uma ênfase na interseccionalidade de gênero, sexo, raça e classe.

O segundo trabalho foi publicado por um brasileiro, no ano de 2022, e é intitulado “*Pensamento pós-colonial, gênero e poder na teoria de María Lugones: multiplicidade ontológica e multiculturalismo*”. A publicação está disponível na Revista Trans/Form/Ação. Sobre os conceitos de gênero, poder, multiplicidade e multiculturalismo de María Lugones, o

autor analisou como sua teoria está associada ao pensamento pós-colonial. Demonstrando a relevância da autora nas pesquisas relacionadas à temática.

Em relação aos demais trabalhos, devido à extensão, apresenta-se uma síntese das principais contribuições expondo-os em ordem cronológica de publicação, iniciando pelos trabalhos publicados no ano de 2018. Foram quatro trabalhos publicados, sendo 2 de autoras brasileiras, 1 mexicana e 1 colombiana. Na pesquisa intitulada *“Feminismos afro na América Latina e no Caribe, tradições dissidentes: do pensamento anticolonial à defesa da terra”*, a autora Gonzalez Ortuno (2018), tratou da transição entre os pensamentos feministas afro-latino-americanos e do Caribe que migraram do pensamento anticolonial para o descolonial. Ao contextualizar a relevância que a defesa da terra desempenha, tendo um papel fundamental nessas discussões, expôs sobre a necessidade do desenvolvimento de conceitos como “território próprio”, em contraste com o pensamento dos primeiros feminismos negros do século XX, que se originaram no panafricanismo.

O artigo intitulado *“Constituição e feminismo entre gênero, raça e lei: As possibilidades de uma hermenêutica constitucional antiessencialista e decolonial”*, publicado na Revista História: Debates e Tendências, é uma tentativa de Gomes (2018), de fazer uso das categorias de gênero e raça para que a leitura e interpretação da Constituição brasileira ao longo dos seus trinta anos de existência seja realizada. O direito é parte da colonialidade, pois consiste em um sistema que perpetua relações de poder e dominação coloniais, a partir então dessas duas bases teóricas: performatividade e colonialidade, a autora propõe entender a Constituição como um texto performativo que cria realidades, mas que para ser interpretada de maneira feminista, antiessencialista e decolonial, necessita revelar e reinscrever sua herança colonial.

De autoria de Patino Gomez; Naranjo Villa; Serna Felipe (2018), o artigo *“Perspectiva de gênero nas carreiras de Ciências Sociais e Geografia em quatro universidades públicas da Colômbia”*, é proveniente de uma pesquisa que visou avaliar o enfoque de gênero no ensino da geografia nos cursos de graduação em Estudos Sociais e Geografia em quatro universidades públicas da Colômbia: Pedagógica Nacional, Pedagógica y Tecnológica de Colombia, del Atlántico e del Valle. Os resultados da avaliação do nível de abordagem de gênero no ensino da geografia em universidades colombianas destacaram a falta de incorporação desse enfoque nas disciplinas e literatura relacionadas à geografia. Ressaltou-se a emergência da abordagem de gênero, pois nas monografias produzidas pelos estudantes o tema é pontualmente trabalhado, demonstrando a baixa incidência do tema no ensino de geografia nas faculdades, tanto em termos de conteúdo quanto em relação à literatura como reflexão e investigação.

O artigo intitulado *“A disseminação das abordagens feministas como pesquisa nas Artes Performáticas e sua contribuição para a criação de ações institucionais disruptivas”*, aborda a respeito da crescente disseminação dos estudos feministas e de gênero nos programas de graduação e pós-graduação em Artes Cênicas em diversas instituições brasileiras. Segundo Fischer (2018), é crescente o incentivo à inclusão de disciplinas curriculares relacionadas a esses estudos, bem como a criação de encontros e núcleos de pesquisas teóricas e artísticas, que se fortalecem através de frentes pedagógicas associadas aos estudos feministas, identitários e decoloniais na formação dos artistas. Para a autora, esse fortalecimento tem impulsionado abordagens de outras epistemologias ao estabelecer uma reação crítica diante da predominância ainda existente dos saberes hegemônico e androcêntricos nas instituições.

Compreendendo a potencialidade da temática, os quatro primeiros artigos trazem reflexões que convergem no interesse em promover perspectivas feministas e de gênero em diferentes áreas de estudo, mas se diferenciam nos contextos específicos de análise e nas abordagens teóricas adotadas para alcançar esse objetivo. Ressalta-se, que o tema central



relacionado aos estudos feministas e de gênero em diferentes contextos acadêmicos e regionais, destacam a necessidade de se incorporar e promover perspectivas feministas, identitárias e decoloniais em diferentes áreas de estudo.

Avançando na descrição das publicações selecionadas, no ano de 2019 houve apenas um trabalho selecionado. Publicado por uma brasileira, na Revista CS, o artigo intitulado *“Conhecimento Situado e Pesquisa-Ação como Metodologias Feministas e Decoloniais: Um Estudo Bibliométrico”*, é relevante pois traz contribuições não apenas para a área da Sociologia, mas para demais áreas interessas na descrição do Conhecimento Situado e a Pesquisa-ação, uma vez que analisa como essas perspectivas estão sendo utilizadas nos Estudos de Gênero na América Latina e incentiva o uso dessas metodologias. O estudo utilizou o Método de Pesquisa Bibliométrica para analisar a presença e o impacto dessas abordagens nos artigos da área. Argumentou-se que a Teoria Feminista tem defendido uma abordagem científica crítica, engajada e transparente, no entanto, a pesquisa revelou que é pouco frequente nos Estudos de Gênero da América Latina o uso das metodologias propostas, reforçando a relevância da promoção de uma abordagem mais engajada e contextualizada nos estudos de gênero na região.

No ano de 2020, observou-se uma concentração de publicações relevantes, sendo duas delas de pesquisadoras espanholas e uma de um pesquisador da mesma nacionalidade. Além disso, foram identificadas seis publicações de autoras brasileiras. Diante da exposição do trabalho de Polo Blanco (2020), mencionado no início da síntese da descrição dos artigos, daremos destaque às demais publicações do mesmo ano, todas de autoria feminina, começando pelo trabalho das autoras espanholas.

O artigo intitulado *“Feminismos e Gênero nos Estudos Internacionais”*, foi publicado na Revista Relaciones Internacionales. Nessa oportunidade, De Lima Grecco (2020) realizou uma revisão bibliográfica das principais correntes do feminismo nas Relações Internacionais e sistematizou a pluralidade das teorias e práticas feministas que têm sido desenvolvidas nesse campo. Ao longo do artigo destacou as contribuições das correntes feministas desde o feminismo liberal, feminismo do ponto de vista, feminismo construtivista, feminismo pós-modernista, feminismo pós-colonial, feminismo decolonial, até a teoria queer e enfoque sobre as masculinidades.

No artigo intitulado *“Relações Internacionais a partir dos feminismos decoloniais: Uma abordagem dialógica para uma economia feminista decolonial”*, de autoria de Pizarro Gomez (2020), abordou-se sobre a relação entre o sistema capitalista moderno-colonial e o papel específico das mulheres nas relações internacionais, pois desde a metade do século XX, o sistema capitalista moderno-colonial foi consolidado sob uma lógica eurocêntrica que agravou o hiato entre o Norte e o Sul global, resultando em relações econômicas internacionais que impuseram a geração e racialização do trabalho. O artigo traz uma crítica e nos provoca a analisar o discurso das relações internacionais *mainstream* sob uma perspectiva decolonial, demonstrando como esse paradigma serve aos interesses do Norte global devido ao pensamento eurocêntrico.

A contribuição das pesquisadoras brasileiras nesse bloco de análise, se inicia pelo trabalho intitulado *“Gênero na perspectiva decolonial: revisão integrativa no cenário latino-americano”* de Dimestein *et al.*, (2020). As bases de dados utilizadas pelos autores foi o Portal de Periódicos CAPES e a Redalyc e os resultados destacaram três aspectos principais: o primeiro se refere a respeito da negação do sujeito universal do feminismo, ou seja, a compreensão de que as experiências e realidades das mulheres não podem ser reduzidas a uma única perspectiva. Logo após, os autores identificaram que a compreensão de que gênero, raça

e classe são variáveis co-constitutivas, ou seja, elas estão interligadas e influenciam-se mutuamente na construção das identidades e relações sociais.

Na pesquisa de Bernardes (2020), intitulada *“Perguntas Relacionadas à Raça na Luta contra a Violência de Gênero: Processos de Subalternidade Relacionados à Lei Maria da Penha”*, a autora abordou sobre a relevância da Lei Maria da Penha como um avanço na luta pela igualdade de gênero, pois o processo social que resultou na criação da referida lei alterou significativamente os termos em que a violência doméstica era discutida no país, levando o tema a sair do âmbito de especialistas e tornar-se um importante ponto de debate tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Para Bernardes (2020), a efetividade da lei para mulheres negras é incipiente, pois embora tenha contribuído na diminuição da incidência de violência contra mulheres brancas, não teve o mesmo efeito na proteção das mulheres negras. A autora utiliza no decorrer de seu artigo referenciais teóricos do feminismo negro e feminismo decolonial/pós-colonial.

Na pesquisa intitulada *“Raça, Gênero e Colonialidade: Interpelações Epistemológicas na Produção Criminológica Brasileira Crítica”*, Ribeiro Junior; Rosa (2020) construíram uma revisão bibliográfica que permite a reflexão sobre a necessidade de articulação dos estudos feministas, raciais e decoloniais para que haja a contínua reconstrução de uma epistemologia criminológica que compreenda a realidade social brasileira. Os autores argumentam que o campo da criminologia, assim como muitos outros campos de conhecimento, é influenciado por noções masculinas, brancas e eurocêntricas.

A pesquisa intitulada *“Pensamento feminista decolonial do Sul: uma experiência de educação popular baseada nas narrativas de mulheres camponesas”*, foi publicada na Eccos Revista Científica, por Da Silva (2020). A pesquisa aborda a experiência de estudos de Pós-Doutorado na área de Educação, conduzidos pela autora, com o objetivo de sistematizar teoricamente uma experiência de educação popular baseada na implementação de oficinas realizadas com mulheres camponesas assentadas do Sul do Brasil, que são participantes do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MTST). A experiência descrita está inserida na construção de um pensamento decolonial feminista latino-americano na área de Educação e ao longo do trabalho a autora enfatiza que essa iniciativa não se coloca de forma isolada, mas faz parte de um amplo leque de possibilidades, tanto políticas quanto investigativas.

No artigo intitulado *“O Movimento Feminista e das Mulheres na Argentina: Perspectivas Pós-Coloniais e Socialistas”*, publicado na Revista Crítica de Ciências Sociais por Aguiar; Rojas (2020), o artigo aborda a contribuição das teorias pós-coloniais para viabilizar um questionamento crítico dos instrumentos de poder e representação dos sujeitos subalternos, bem como o pensamento ocidental hegemônico que resultava em modos específicos de opressão para grupos marginalizados. Aguiar; Rojas (2020) concentraram seus esforços na discussão sobre opressão de gênero que relega as mulheres à condição de subproletariado, sujeitas a uma subalternização extrema, negando-lhes espaços sociais e o direito de decidir sobre seus próprios corpos. No decorrer do artigo foram apresentadas as contribuições do movimento argentino de mulheres em dois momentos da democracia no país: o movimento das Mães da Praça de maio e o atual movimento de mulheres, destacando o papel ativo das mulheres na resistência e na busca por mudanças sociais significativas.

Brevemente foram compartilhadas as principais contribuições dos dez trabalhos publicados entre 2019 e 2020. Apesar das diferenças, os artigos convergem para uma análise crítica das estruturas de poder e opressão que afetam as mulheres, destacando-se ao longo de cada trabalho a relevância da abordagem das questões de gênero de forma interseccional e

contextualizada. Ao longo de cada trabalho há uma postura crítica em relação às perspectivas androcêntricas e eurocêntricas que historicamente dominaram diversos campos do conhecimento e que cada trabalho buscou descentralizar essas narrativas, abrindo espaços para uma perspectiva interseccional e decolonial.

O ano de 2021 trouxe importantes contribuições para o campo dos estudos de gênero com a publicação de seis artigos relevantes. Destes, três foram escritos por autoras brasileiras, dois por autoras colombianas e um por uma autora uruguaia. Essa diversidade de origens enriquece o debate ao incorporar perspectivas regionais e culturais distintas sobre a temática de gênero. Sendo assim, iniciaremos a síntese dos artigos pelos artigos produzidos pelas autoras estrangeiras.

O artigo intitulado “*A sociedade matrilinear Asante: gênero, poder e representações sociais*”, foi publicado na Revista Colombiana de Sociologia por Arboleda Hurtado; Arbelaez Franco (2021) e trata sobre a estrutura matrilinear da sociedade Asante, que faz parte do grupo étnico Akan em Gana. Foram discutidas as transformações sociopolíticas ocorridas nessa sociedade após a colonização britânica e a fundação do Estado Moderno, especialmente relacionadas às novas representações sociais associadas ao gênero que foram impostas. Observou-se que mesmo em uma sociedade com organização matrilinear, como a Asante, as influências coloniais e as novas representações de gênero impostas pelo Ocidente causaram uma mudança significativa na dinâmica de poder e na autoridade entre homens e mulheres, afetando profundamente a estrutura sociopolítica da sociedade, alterando as posições e responsabilidades de cada gênero.

O artigo intitulado “*A dimensão global das políticas públicas de gênero e saúde na América Latina: Uma análise decolonial*”, publicado na Revista Civitas: revista de Ciências Sociais por López; Sito; Borrero-Ramírez (2021), analisou as políticas que envolvem questões de gênero e saúde na América Latina, com o objetivo de repensar como os conceitos, indicadores e instrumentos de avaliação dessas políticas são construídos globalmente e como isso está relacionado com a colonialidade que atravessa as sociedades do Sul Global. A contribuição do trabalho se refere a metodologia empregada que consistiu em uma abordagem discursiva das publicações de duas importantes entidades globais: a Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) e a OPS (Organização Pan-Americana da Saúde). Entre os resultados encontrados, destaca-se as diferenças nos modos como essas organizações “fazem gênero”, ou seja, como abordam e tratam as questões de gênero em suas publicações. No caso da Cepal, por exemplo, há uma tendência em suprimir a heterogeneidade na ideia de autonomia, enquanto a OPS constrói abordagens relacionais de gênero vinculadas à equidade.

No artigo intitulado “*As contribuições dos feminismos decoloniais e latino-americanos*”, publicado na Revista Andulo por Oyhantcabal (2021), foram explorados os aportes teóricos fundamentais do pensamento decolonial e dos feminismos críticos, destacando as discussões e propostas teóricas e epistemológicas dos feminismos decolonial e latino-americano. A combinação dessas teorias críticas tem permitido uma mudança na perspectiva analítica das pesquisas sobre as realidades das mulheres, especialmente das mulheres empobrecidas, indígenas, afrodescendentes, mestiças e mulatas na América Latina. Mediante uma revisão bibliográfica para introduzir conceitos fundamentais do feminismo latino-americano e decolonial, como o da “colonialidade do gênero” a autora abordou discussões relevantes sobre as organizações de gênero anteriores à colonização e as consequências da implantação do patriarcado moderno/colonial.

No artigo intitulado “*Caminhos para um feminismo decolonial*” publicada na Revista Cadernos Pagu, por Ferrara; Carrizo (2021), as autoras discutiram a proposta de uma

descentralização epistêmica do movimento feminista com o objetivo de promover uma prática feminista decolonial, abordando a necessidade de questionarmos o projeto histórico do capitalismo, cujas categorizações sociais invisibilizam as experiências e demandas das mulheres não-brancas. Ferrara; Carrizo (2021) destacaram ao longo do trabalho a diferença entre o pensamento decolonial e os estudos pós-culturais, afirmando que o giro decolonial é um giro epistêmico que busca pensar a história dos países e povos colonizados além das categorizações impostas pela matriz de poder colonial/moderna. O sistema de colonialidade do poder foi abordado, enfatizando-se sua imposição de classificação populacional e a naturalização das relações de poder. No decorrer do artigo há uma crítica ao feminismo eurocêntrico-liberal por não considerar a multiplicidade de demandas das mulheres não-brancas e pela promoção do apagamento de suas vivências.

Na pesquisa intitulada *“Colonialidade e decolonialidade na crítica ao racismo e às violações: refletir sobre os desafios na educação em direitos humanos”*, publicada na Revista Educar em Revista por Silveira; Nascimento; Zalembessa (2021), as autoras propuseram uma reflexão sobre os efeitos da colonialidade na reprodução da desigualdade e violência em um contexto de crise social e ameaça à democracia no Brasil. Por meio de uma pesquisa teórica sobre colonialidade, decolonialidade e desigualdade, o artigo descreveu os desafios essenciais que reposicionam o papel da sociedade civil, das formas de resistência e das lutas sociais na concretização dos direitos humanos e na busca por uma emancipação social, enfatizando que a realidade brasileira, latino-americana e africana é marcada por uma desigualdade estrutural enraizada na história colonial, escravocrata e patriarcal, que perpetua e intensifica as expressões de desigualdade de gênero, classe e etnia.

Na pesquisa intitulada *“Da história das mulheres às perspectivas contra-coloniais?: Reflexões sobre a historiografia de gênero no Brasil (2001-2019)”*, publicada na Revista Estudos Ibero-Americanos por Crescêncio; Ferreira (2021), foram investigadas apropriação e o impacto das perspectivas "contracoloniais" na pesquisa histórica das relações de gênero no Brasil. O artigo é proveniente da análise dos simpósios temáticos submetidos aos eventos da Associação Nacional de História (ANPUH), entre 2001 e 2019, como uma forma de investigar como essas perspectivas contracoloniais têm sido incorporadas pela historiografia do gênero brasileira. Ao longo do período analisado, o estudo identificou uma oscilante resistência da história em relação aos estudos sobre mulheres, gênero e feminismos de forma mais ampla e transversal, bem como um ainda incipiente aprofundamento das leituras contracoloniais.

As publicações no ano de 2021 trouxeram diferentes abordagens sobre questões de gênero, colonialidade e suas interações com a sociedade, cada um com seus objetos de estudo, metodologias e perspectivas específicas. No entanto, há uma convergência dos trabalhos: a preocupação com a influência de ideologias políticas, como o neoliberalismo, nas políticas de gênero e saúde, e como essas influências podem afetar a justiça social e a equidade de gênero em diferentes contextos.

Finalizando a exposição dos artigos, no ano de 2022, houve uma seleção de publicações de diversas autoras, incluindo duas brasileiras, uma argentina e uma espanhola. Vale ressaltar que, conforme mencionado no início da síntese dos trabalhos, também houve uma publicação de autoria masculina realizada por De Carvalho (2022). No artigo intitulado *“Diálogos sobre Feminismos, Ambientalismo e Racismo a partir das Geografias Feministas Latino-americanas”*, de autoria de Ulloa; Zaragocin (2022), diferentes temáticas relacionadas aos movimentos sociais, ambientais e de mulheres, bem como às geografias feministas, ecologias políticas feministas e a geografia feminista descolonial antirracista foram abordadas. O artigo fez uma discussão sobre territórios e territorialidades diversas, a relação com a natureza, o



ambientalismo e os seres não humanos, além da interseção entre corpos e territórios, como elementos que estão redefinindo as geografias feministas, buscando superar visões restritas e opressoras, a partir do destaque da importância de incluir debates sobre racismo estrutural, apontando para as lacunas existentes nessa área de estudo.

Na pesquisa de autoria de Bidaseca; Guimarães Costa (2022), intitulada “*Mundos Viajantes em Direção a María Lugones*” publicada na Revista Estudos Feministas e que se refere a uma análise e reflexão sobre a obra e o pensamento teórico-prático de Maria Lugones, uma filósofa feminista decolonial, pesquisadora, educadora, cantora, ativista, lésbica e peregrina de “viajar-mundos”. O objetivo das autoras foi descrever suas experiências, reflexões e ativismos, buscando pensar nas possibilidades de construção de coalizões de relações entre “mulheres de cor” na América Latina e em outras geopolíticas. As autoras destacam as contribuições de Maria Lugones, considerada uma precursora do pensamento feminista decolonial, uma vez que problematiza o lugar das mulheres de cor e não brancas, desafiando o paradigma ocidental-moderno e buscando construir conhecimentos e saberes em diálogo com os sujeitos historicamente subordinados, como as mulheres afro, indígenas e não brancas, em prol de uma Améfrica Ladina, em consonância com as ideias de Lélia Gonzalez.

O trabalho intitulado “*Mulheres de Cor no Palco. Ativismo Curatorial e Feminismo Decolonial em duas Propostas de Artes Contemporâneas na América Latina*” publicado na Revista 180 por Mattei (2022), discutiu a sub-representação de artistas mulheres e mulheres de cor em museus, centros de arte e exposições de arte contemporânea na América Latina e a relação dessa sub-representação com questões culturais, institucionais e curatoriais. Argumenta-se ao longo do trabalho que as instituições artísticas e culturais têm a responsabilidade de preservar e transmitir o patrimônio cultural e devem garantir que todas as vozes e grupos sociais, com sua diversidade, estejam representados de forma equitativa. Nos últimos anos, houve um impulso crescente para aumentar a representação de artistas mulheres e mulheres de cor nas artes, com esforços para superar o discurso hegemônico, patriarcal e branco que ainda permeia o campo estético. No entanto, a autora destaca que há muito a ser feito, especialmente quando as variáveis da raça e da classe se sobrepõem à questão de gênero.

Na pesquisa intitulada “*Imposição colonial e estupro conjugal: uma leitura das dinâmicas de poder no contexto familiar*” publicada na Revista Direito e Práxis por Borges; Santana (2022) trata do estupro conjugal no contexto brasileiro, abordando-o como uma das manifestações sociais e jurídicas da colonialidade de gênero. As autoras buscaram analisar como os preceitos de subordinação feminina, enraizados na imposição colonial, influenciam as dinâmicas de poder no ambiente familiar e refletem na legislação sobre o estupro conjugal. Ao longo do estudo, destacaram que as relações coloniais de dominação são estruturantes da ordem jurídica e que a normativa sobre o estupro conjugal está fundamentada na política de controle dos corpos femininos e na administração da sexualidade da mulher, determinando quais sujeitos são protegidos pela tutela jurídica.

Segundo Borges; Santana (2022), há uma intersecção entre a manipulação cartográfica e o falseamento de discursos e conhecimentos, impactando as relações de poder entre homens e mulheres, denunciando que a luta contra o estupro conjugal requer uma desarticulação política das estruturas sociais e institucionais que perpetuam a hierarquização de gênero e toleram as violências vividas pelas mulheres. Sendo assim, é necessário desintegrar as bases ideológicas e conceituais que sustentam essas estruturas, a fim de garantir a igualdade de gênero e o respeito aos direitos das mulheres.

Finalizando as exposições provenientes do Estado da arte, destaca-se a pesquisa intitulada “*Mulheres das Favelas e (O Outro) Feminismo Popular*” publicada na Revista



Estudos Feministas por Nunes; Veillette (2022), abordou o conceito de "feminismo popular" na América Latina, especificamente relacionado às mulheres que vivem em favelas e são reconhecidas por seu ativismo social e político. Objetivou-se no decorrer do trabalho ampliar o conceito de feminismo popular, destacando as resistências muitas vezes invisibilizadas pela colonialidade de gênero e ignoradas pelo feminismo hegemônico. O ponto central da pesquisa foi indagar se as mulheres de favela se consideravam feministas ou não e os motivos para essa percepção. Dessa forma, as autoras destacaram a necessidade de reconhecimento e valorização das experiências e lutas das mulheres das favelas, que contribuem para o feminismo popular, mesmo que nem sempre se autodenominem feministas, uma vez que essas mulheres desenvolvem uma construção social baseada na solidariedade, reconhecimento e valorização do outro, lutando contra as relações de poder desiguais historicamente presentes em suas comunidades.

## **5. Considerações finais**

Ao longo da elaboração do trabalho, foi possível observar a diversidade das análises presentes nas diferentes pesquisas que compõem a temática sobre gênero, em que as discussões sobre feminismos, questões de gênero, raça/etnia, interseccionalidade e colonialidade nos proporcionam uma visão abrangente e crítica das realidades vivenciadas pelas mulheres na América Latina.

No decorrer da leitura dos artigos, análise e seleção dos fragmentos apresentados brevemente nesse trabalho, observou-se que cada pesquisa apresenta contribuições significativas para o entendimento e a promoção de um olhar mais inclusivo e decolonial nas diversas áreas de estudo relacionadas às mulheres. No entanto, não podemos perder de vista a complexidade das opressões que permeiam suas vidas. Sendo assim, é necessário reconhecermos a necessidade de acolher, valorizar e fomentar diálogos entre diferentes perspectivas e saberes historicamente marginalizados. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de construção de coalizões, buscando integrar vozes e experiências de mulheres negras, classes populares e outros grupos subalternizados na luta contra as desigualdades e opressões.

Assim como a integração de áreas e países, na busca pela valorização das trajetórias feministas decoloniais, como Maria Lugones, e a inclusão de suas teorias e práticas contribuem para uma abordagem mais completa e situada dos desafios enfrentados pelas mulheres, como pesquisadoras e pesquisadores, somos chamados a ir além de visões restritas e opressoras, criando espaços de diálogo e colaboração para a construção conjunta de conhecimento.

Uma das limitações do trabalho se referiu ao acesso aos trabalhos publicados em idioma distinto a opção dessa pesquisa. Não selecionar artigos em inglês se refere à resistência ao imperialismo linguístico, que associado ao uso da língua inglesa remonta a uma das formas de colonialidade ainda presente na academia. Numa perspectiva decolonial, a língua não deve ser hierarquizada, portanto, privilegiou-se trabalhos em português e espanhol, como uma forma de reforçar o espaço que essas línguas ocupam e podem ocupar nas produções acadêmicas.

Em relação à investigação futura, os resultados apresentados podem incentivar a realização de outros estudos teóricos e/ou empíricos sobre as temáticas abordadas, contribuindo para uma agenda em Administração e Gestão que frente às contribuições de outras áreas, reconheça a intersecção sobre as formas de desigualdades e co-construa caminhos para que os sujeitos e comunidades que vivem à margem estejam no centro das discussões.

## 6. Referências

ABDALLA, Márcio M.; FARIA, Alexandre. Em defesa da opção decolonial em administração: rumo à uma concepção de agenda. **Anais Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração**, 2015.

ABDALLA, Márcio Moutinho; FARIA, Alexandre. Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. **Cadernos Ebape. br**, v. 15, p. 914-929, 2017.

AGUIAR, Danilla; ROJAS, Gonzalo. O movimento feminista e de mulheres na Argentina: perspectivas pós-colonial e socialista. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 121, p. 169-190, 2020.

ARBOLEDA HURTADO, Nayibe Katherine; ARBELÁEZ FRANCO, Verónica. The asante matrilineal society: gender, power and social representations. **Revista Colombiana de Sociología**, v. 44, n. 2, p. 169-188, 2021.

BLANCO, Jorge Polo. Fantasised alterity, inaudible voices. Notes for a critique of the coloniality of desire. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 32, n. 56, 2020.

BERNARDES, Márcia Nina. Questions Related to Race in the Struggle against Gender Violence: Subalternity Processes Related to the Maria da Penha Law. **DIREITO GV L. Rev.**, v. 16, p. 1, 2020.

BORGES, Rosa Maria Zaia; SANTANA, Jackeline Caixeta. Colonial imposition and conjugal rape: a reading of the dynamics of power in the family context. **Revista direito e práxis**, v. 13, p. 93-117, 2022.

CARVALHO, Guilherme Paiva de. Postcolonial thought, gender, and power in María Lugones's theory: ontological multiplicity, and multiculturalism. **Trans/Form/Ação**, v. 45, p. 311-338, 2022.

COSTA, Michelly Aragão Guimarães; BIDASECA, Karina. Viajar-mundos hacia María Lugones. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 1, p. 1-12, 2022.

COSTANZI, Chiara Gomes; MESQUITA, Juliana Schneider. São essas mínimas coisas do dia a dia que vão te colocando no seu lugar, sabe, que não é ali”: O Cotidiano de Pesquisadoras Negras no Contexto Acadêmico da Administração. **Revista Gestão & Conexões**, v. 10, n. 2, p. 122-144, 2021.

CRESCENCIO, Cintia Lima; FERREIRA, Gleidiane de Sousa. From women's history to counter-colonial perspectives? Thoughts about gender historiography in Brazil (2001-2019). **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**, v. 47, n. 1, 2021.

DA SILVA, Márcia Alves. Pensamento decolonial feminista do Sul: uma experiência de educação popular a partir de narrativas de mulheres camponesas. **EccoS–Revista Científica**, n. 54, p. 17322, 2020.

DE LIMA GRECCO, G. Feminisms and Gender in International Studies. **Relaciones Internacionales-Madrid**, v. 44, p. 127-145, 2020.

DIMENSTEIN, Magda et al. Gênero na perspectiva decolonial: revisão integrativa no cenário latino-americano. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020.

FERRARA, Jessica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Caminhos para um feminismo decolonial. **cadernos pagu**, 2021.

FISCHER, Stela. The spreading of feminist approaches as research in the Performing Arts and their contribution towards the creation of disruptive institutional actions. **URDIMENTO-REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CENICAS**, v. 3, n. 33, p. 296-310, 2018.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Revista Tempo e Argumento**, v. 12, n. 29, p. 01-24, 2020.

GOMES, Camilla de Magalhaes. Constitution and feminism between gender, race and law: the possibilities of an anti-essentialist and decolonial constitutional hermeneutics. **REVISTA HISTORIA-DEBATES E TENDENCIAS**, v. 18, n. 3, p. 343-365, 2018.

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, p. 65-82, 2018.

GÓMEZ, Selena Pizarro. Las Relaciones Internacionales desde los feminismos descoloniales. Una propuesta dialógica hacia una economía feminista descolonial. **Relaciones Internacionales**, n. 44, p. 147-164, 2020.

GONZALEZ ORTUNO, Gabriela. Afro feminisms in Latin America and the Caribbean, dissenting traditions: from anticolonial thinking to the defense of the earth. **INVESTIGACIONES FEMINISTAS**, v. 9, n. 2, p. 239-254, 2018.

KITCHENHAM, Barbara et al. Systematic literature reviews in software engineering—a systematic literature review. **Information and software technology**, v. 51, n. 1, p. 7-15, 2009.

LÓPEZ, Laura Cecilia; SITO, Luanda Rejane Soares; BORRERO-RAMÍREZ, Yadira Eugenia. The global dimension of gender and health public policies in Latin America: a decolonial analysis. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 21, p. 380-390, 2022.

MACHADO, Débora; COSTA, Maria Luisa Walter; DUTRA, Delia. Outras Epistemologias para os Estudos de Gênero: feminismos, interseccionalidade e divisão sexual do trabalho em debate a partir da América Latina. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 12, n. 3, p. 229-248, 2018.

MATTEI, Andrea Diaz. Women of Color on Stage. Curatorial Activism and Decolonial Feminism in two Contemporary Arts proposals in Latin America. **REVISTA 180**, n. 50, p. 1-1, 2022.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade; VEILLETTE, Anne-Marie. Women from Favelas and (The Other) Popular Feminism. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, p. e75556, 2022.

OYHANTCABAL, Laura Mercedes. The contributions of decolonial and Latin American feminisms. **Revista Andaluza de Ciencias Sociales**, v. 20, p. 97-115, 2021.

PATÍÑO GÓMEZ, Zaida Liz; NARANJO VILLA, Laura; SERNA FELIPE, Marggie. PERSPECTIVA DE GÊNERO NOS PROGRAMAS DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS E GEOGRAFIA EM QUATRO FACULDADES PÚBLICAS DA COLÔMBIA. **Perspectiva Geográfica**, v. 23, n. 2, p. 149-169, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. en pAlermo, Zulma, Quintero, Pablo, y QuiJano, Aníbal (2014). **Textos de Fundación**, p. 60-70, 2014.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. **Revista diálogo educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

ROSA, Rayane Marinho; JUNIOR, Humberto Ribeiro. Raça, gênero e colonialidade: interpretações epistemológicas na produção criminológica crítica brasileira. **Revista Quaestio Iuris**, v. 13, n. 01, p. 508-527, 2020.

SANTOS, Vívian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

SELISTER-GOMES, Mariana; QUATRIN-CASARIN, Eduarda; DUARTE, Giovana. Situated Knowledge and Action Research as Feminist and Decolonial Methodologies: A Bibliometric Study. **CS**, n. 29, p. 47-72, 2019.

SERVA, Maurício. Epistemologia da administração no Brasil: o estado da arte. **Cadernos Ebape. Br**, v. 15, p. 741-750, 2017.

SILVEIRA, Jucimeri Isolda; NASCIMENTO, Sergio Luiz; ZALEMBESSA, Simões. Coloniality and decoloniality in the critique of racism and violations: to reflect on the challenges in human rights education. **Educar em Revista**, v. 37, 2021.

TEIXEIRA, Juliana Cristina et al. Inclusão e diversidade na administração: Manifesta para o futuro-presente. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, p. e0000-0016, 2021.

ULLOA, Astrid; ZARAGOCIN, Sofia. Diálogos sobre feminismos, ambientalismos y racismos desde las geografías feministas latinoamericanas. **Documents d'anàlisi geogràfica**, v. 68, n. 3, p. 481-491, 2022.

ZANOLA, Fernanda de Aguiar. Escrivência: O Cansativo Processo de Ser uma Outsider Interna na Pós-Graduação em Administração. **Journal of Contemporary Administration**, p. e220354-e220354, 2023.